

## MOTIVO

No campo dos estudos literários, a mais vulgarizada acepção da palavra «motivo» ocorre numa relação hiponímica com «tema», daí que os dois termos surjam quase sempre associados, sendo o «tema», em geral, apresentado como mais abrangente e também mais abstracto. O motivo é um termo cujo significado se vê afectado por alguma instabilidade, o que leva a que as suas fronteiras conceptuais se mostrem bastante fluidas. Também no domínio da música encontramos interligados os termos M. e tema; é, aliás, do universo musical que derivam as acepções que transitam para os estudos literários. Assim, na música, o M. é entendido como a mínima unidade musicalmente significativa — «a figura rítmica e melódica autónoma e inteligível mais pequena que existe» (Kennedy, 1994: 473) — e é no seu significado musical que vamos encontrar pela primeira vez este vocábulo documentado na língua italiana (inícios do séc. xvii), donde irá transitar para outras línguas. O uso mais corrente, também na música, é o que no-lo apresenta como a base, o embrião do tema. «Todo o tema tem talvez vários motivos e quase todas as passagens musicais são desenvolvimentos de algum *motivo*» (Kennedy, id., *ibid.*). Outro conceito próximo que deriva directamente do campo musical e que vai passar a ser aplicado ao domínio dos estudos literários é o conceito de *leitmotiv*, que na música significa uma frase repetida.

O estudo dos temas e M. vai receber um dos impulsos mais significativos da parte dos estudiosos da etnografia e do folclore, que basearam os seus conceitos na prática do *Stoffgeschichte*, a investigação de personalidades ou de situações típicas que se encontram em muitas obras diferentes e se repetem ao longo dos séculos. Para além de terem proposto metodologias, identificaram e classificaram os M. como unidades textuais com diversas funções nas obras e, além disso, publicaram índices e obras de referência de grande utilidade (Raasch, Thompson,

Bouty, Frenzel, Schmitt). No prólogo do seu *Dicionário de Motivos da Literatura Universal*, Elizabeth Frenzel, ao pôr em confronto esta tarefa com a anteriormente realizada no *Dicionário de Argumentos*, refere-se agora às «unidades argumentais menores, mais fecundas e móveis, e [a]o seu extenso sistema de relações»; entre outros, inventaria os seguintes M: a arcádia, a busca do pai, o conflito entre pai e filho, o eremita, a esposa difamada, o homem entre duas mulheres, o velho apaixonado, a visita de Deus à terra, o voto de castidade. Convém, contudo, não confundir o M. com o conceito de *topos* que provém da tradição retórica e que em muitas das definições parece com ele colidir.

Um dos domínios em que o estudo dos M. se irá mostrar bastante fecundo é o universo dos textos narrativos. O próprio étimo nos ajuda a perceber essa adequação, como nos diz Wolfgang Kayser: «O motivo é uma situação típica que se repete, e, portanto, cheia de significado humano. Neste carácter de situação reside a capacidade dos motivos de apontar um 'antes' e um 'depois'. A situação surge, e a sua tensão exige uma solução. Os motivos são dotados de força motriz, o que justifica afinal a sua designação de 'motivo' (derivado de *'movere'*)» (Kayser, 1976: 57). É a partir da reflexão dos formalistas russos, e em particular dos estudos de Tomachevski, que o conceito de M. vai receber uma notável revitalização no campo da narratologia. Socorrendo-se de um critério temático, os formalistas definem o M. como uma unidade temática que, podendo transitar de narrativa para narrativa, mantém uma configuração reconhecível. Mas os M. devem ser entendidos como macro-signos semânticos que se encontram em outros modos e géneros literários: «O motivo pode manifestar-se nos diversos modos, géneros e subgéneros literários, embora exista uma correlação peculiar entre certos motivos e certos subgéneros (por exemplo, o motivo da 'iniciação à vida' é característico do chamado romance de educação, o motivo da 'idade de ouro/idade de ferro' é característico da *égloga*» (Aguiar e Silva, 1983: 653). Podemos, de igual modo, identificar aqueles

M. que são característicos de um dado estilo de época: «Há, por outro lado, motivos que surgem com frequência tão especial em determinadas épocas, que se tornam bem significativos do espírito então reinante» (Kayser, 1976: 60).

Deve-se a Cesare Segre um dos mais esclarecedores esforços de sistematização do conceito, num texto em que aborda as relações/diferenças entre tema e M. Diz-nos que há três elementos que foram valorizados na passagem do termo à literatura: «1) o motivo como unidade significativa mínima do texto (ou melhor, do tema); 2) o motivo como elemento germinal; 3) o motivo como elemento recorrente» (Segre, 1985: 348-349). Depois de citar uma definição de E. Frenzel, que valoriza a primeira propriedade acima referida, Segre, comentando essa definição, diz o seguinte: «Em resumo: os motivos estariam para os temas como as palavras estão para a frase» (*id.*, 349). A este importante vector distintivo baseado no grau (M. menor que...) segue-se a outra propriedade que separa o M. do tema por uma relação de intensidade (algo que no tema se irá desenvolver). Quanto à recursividade, Segre considera-a um elemento distintivo de relevo: a repetição dos M. alcança na textura verbal uma importante função de destaque, de persuasão e de sugestão.

BIBLIOGRAFIA: V. M. Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, vol. 1, Coimbra, 1983; Elizabeth Frenzel, *Diccionario de Motivos de la Literatura Universal*, Madrid, 1980; Wolfgang Kayser, *Análise e Interpretação da Obra Literária*, Coimbra, 1976; Michael Kennedy, *Diccionario Oxford de Música*, Lx., 1994; Alex Preminger e T. V. F. Borgan (ed.), *The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*, Princeton, New Jersey, 1993; Cesare Segre, *Principios de Análisis del Texto Literario*, Barcelona, 1985.

Carlos Mendes de Sousa